8º Congresso de extensão universitária da UNESP
"Diálogos da Extensão: do saber acadêmico à prática social"
Realização: unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" PROEX

RODAS DE CONVERSA COM IDOSOS EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL: VALORIZAÇÃO DAS NARRATIVAS E URGÊNCIA DE PROTAGONISMOS

Bruna Giovanna Buesso da Silva, Danielle Davanço, Joselene Cristina Gerolamo, Livea Carla Fidalgo Garcêz Sant'Ana, Mariele Rodrigues Correa (orientadora), Campus Assis, Psicologia, brunabuesso@yahoo.com.br,danielle_1703@hotmail.com, josiegerolamo@hotmail.com, livea_santana@hotmail.com, mariele@assis.unesp.br.

Eixo 1: Direitos, Responsabilidades e Expressões para o Exercício da Cidadania

Resumo

O estudo pretende apresentar uma prática de estágio em um CRAS, junto a idosos. Essa atuação pretende valorizar as narrativas que emergem e possibilitar um espaço de trocas entre estagiários e idosos. **Palavras Chave:** *Cras, Velhice, Processos de Subjetivação.*

Abstract:

The study aims to present practice training in a CRAS, along with the elderly. This action seeks to enhance the narratives that emerge and to allow a space for exchanges between trainees and seniors. **Keywords***: Cras, Oldness, Subjectivity prosseces*

Introdução

Ao longo das últimas décadas, o número de pessoas com idade acima de 60 anos cresceu consideravelmente em nosso país. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o grupo de idosos de 60 anos ou mais será maior que o grupo de crianças com até 14 anos já em 2030 e, em 2055, a participação de idosos na população total será maior que a de crianças e jovens com até 29 anos. Algumas leis e políticas públicas recentes, como a Política Nacional do Idoso (1994), o Estatuto do Idoso (2003) e a Política Nacional de Assistência Social (2004) situam o segmento idoso como uma população dotada de direitos e deveres, além de disporem de uma gama de serviços e equipamentos voltados especificamente para o atendimento das pessoas mais idosas. Assim, é necessário atentar para a formação profissional, no nosso caso, em Psicologia, que contribua para a compreensão das vicissitudes do processo de envelhecimento e para a construção de conhecimentos e práticas fomentadores de protagonismos na velhice.

Em nossa sociedade, ainda que o idoso tenha conquistado alguma visibilidade nas políticas públicas, nota-se uma sobrevalorização social do signo jovem, da juventude, do moderno e do novo. De acordo com Tótora (2008, p. 22), a velhice, muitas vezes, é vista como um problema, uma vez que ela "está ligada à doença, a perda de força e de vitalidade. Mais do que isso, ela nos lembra, a todo o momento, que somos mortais".

A ideia de "velhice problema" deve ser descontruída, juntamente com a suposição de que existe somente um modo de envelhecer e ser velho. Silvana Tótora (op.cit.) acrescenta, ainda, que a associação entre velhice e doença contribui para a construção de saberes e práticas sobre os corpos velhos que podem produzir um processo de normalização do envelhecer, a partir de um modelo hegemônico e universal de ser velho.

Assim, atentando para a importância de propiciar uma formação profissional em Psicologia capaz de acolher a diversidade do envelhecer, lançamo-nos, há dois anos, no desafio de construir uma prática com grupo de idosos participantes do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da cidade de Cândido Mota (SP), através do dispositivo "Roda de Conversa".

De acordo com a Política Nacional de Assistência Social (PNAS/2004), o CRAS é uma unidade pública estatal de base territorial, localizado em áreas de vulnerabilidade social que executa serviços de proteção social básica, organiza e coordena a rede de serviços sócio-assistenciais locais da política de assistência social. Esse estabelecimento institucional atua junto a famílias e indivíduos em seu contexto comunitário, visando a orientação e o convívio sociofamiliar e comunitário através do Programa de Atenção Integral às Famílias (PAIF).

Um dos programas oferecido pelo CRAS que contempla o público idoso é o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos que faz parte do PAIF. Podem participar desse programa idosos acima de 60 anos em situação de vulnerabilidade social, idosos que possuem o Benefício de Prestação continuada (BPC) e idosos com vivem em situação de isolamento social, a fim de prevenir a institucionalização em asilos. Dessa forma, as orientações técnicas para atuação com os idosos no CRAS preconizam uma atuação no formato de

grupos, a partir de três eixos estruturantes, a saber: 1) convivência social e intergeracionalidade; 2) envelhecimento ativo e saudável; 3) autonomia e protagonismo (BRASIL, 2012). Basicamente, no primeiro eixo, destacam-se ações que promovam sociabilidades, trocas e vivências coletivas. No segundo, privilegia-se a realização de atividades e discussões temáticas que promovam o envelhecimento como processo de perdas e ganhos, além de vivências quer permitam ressignificar experiências de vida e desenvolvimento de habilidades. Por fim, no terceiro eixo, o objetivo é fomentar ações de protagonismo e participação social das pessoas idosas, tendo como referência a presença desses atores sociais na construção da sociedade e suas possibilidades presentes e futuras de contribuição no processo de transformações sociais.

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (CREPOP, 2007, p. 12), "o foco de atuação do CRAS é a prevenção e a promoção da vida, por isso o trabalho do psicólogo deve priorizar as potencialidades". Assim, a demanda é pela construção de uma prática que extravase os limites do setting convencional, estabelecendo outras conexões, dispositivos e redes.

Nesse sentido, a extensão pode se constituir enquanto uma via possível para reflexão, pesquisas e práticas que fomentem ações inovadoras em Psicologia na intersecção com o serviço de assistência social, contribuindo para a formação do aluno e para atenção às demandas emergentes em nossa sociedade.

Objetivos

O objetivo deste trabalho é relatar uma prática de estágio curricular supervisionada, realizada por discentes do 4º e 5º ano do curso de Psicologia, juntamente a idosos participantes do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Pessoas Idosas (SCFV), na oficina intitulada "Roda de Conversa". O CRAS em que estamos inseridos situa-se em Cândido Mota, uma cidade de pequeno porte do oeste paulista e o SCFV, do presente equipamento, conta com oficinas de artesanato, aulas de ginástica, aulas de letramento pelo Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) e as Rodas de Conversas que coordenamos.

Nossa prática, em parceria com o SCFV, tem como proposta analisar e compreender as vicissitudes da subjetivação no processo de envelhecer, tendo em vista que a velhice se caracteriza como uma fase da vida ainda pouco explorada pela Psicologia.

As oficinas que realizamos no CRAS, através das Rodas de Conversa, visam proporcionar espaços que promovam a expressão e valorização de experiências e conhecimentos que são trazidos pelos idosos participantes, além de trabalhar com temáticas de maneira a repensar seus sentidos e práticas, em outras palavras, problematizando afetividades e implicações com questões acerca do processo de envelhecimento, do exercício da cidadania e da vida de maneira geral. Além disso, o encontro intergeracional entre as oficineiras e o grupo é importante para esse transcurso, suscitando a troca de diferentes reflexões e percepções acerca de diversas temáticas.

Material e Métodos

Nossa atuação no grupo "Roda de Conversa" compõe um conjunto de práticas desenvolvidas no núcleo de estágio curricular "Envelhecimento e Processos de Subjetivação", no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras – FCL/UNESP, campus de Assis. O estágio tem duração de dois anos e corresponde ao programa de práticas interventivas supervisionadas da grade curricular do curso de Psicologia.

O grupo "Roda de Conversa" é coordenado por quatro discentes, sendo duas do quarto e duas do quinto anos de Psicologia, supervisionadas por uma docente do departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar do campus. O grupo acontece há dois anos e conta com a participação de dez mulheres com idade acima de 60 anos usuárias do CRAS, inscritas no programa de SCFV. As atividades ocorrem uma vez na semana, com duração de uma hora e meia, e são realizadas no estabelecimento institucional referido.

Utilizamos como suporte teórico o Grupo Operativo, desenvolvido por Enrique J. Pichon-Rivière (1983), para podermos compreender a dinâmica e o funcionamento do grupo. De acordo com Pereira (2013, p. 25), o grupo operativo, com "seus construtos, conceitos e reflexões são permeados pela idéia de movimento e transformação contínua dos sujeitos, de seus vínculos e de seu modo de operar na realidade". A dialética, que é um conceito central na obra de Pichon-Rivière, é utilizada para pensar o grupo. Para o autor, o grupo está em constante movimento e transformação. Pensando nos movimentos dos grupos, o psicanalista argentino criou a figura do cone invertido, que é composta da seguinte forma: na base estão os materiais explícitos e emergentes, no vértice estão os materiais implícitos, e um espiral compõe o cone indo dialeticamente do explicito ao implícito, a fim de, explicitá-lo. "Dentro deste cone pode-se representar o movimento que acontece entre o desejo de mudança, de entrar em contato com o novo e os medos e ansiedades que levam à resistência". (Pereira, 2013, p. 25)

A proposta de trabalho em grupo operativo leva em consideração o sujeito como ser ativo no mundo,

com conhecimentos, saberes e historia de vida particular. De acordo com Pereira (op.cit., p. 27), "coloca o sujeito no centro de seu processo de aprendizagem, como sujeito ativo e protagonista na produção de sua saúde, na construção do conhecimento e dos sentidos que dão significado à sua experiência humana". Com isso, acreditamos que esse referencial traz importantes ferramentas teórico-práticas, com o intuito de promover a autonomia e o processo de aprendizagem no contexto grupal. Vale destacar que, além da teoria de grupo de Pichon-Rivière, também buscamos fundamentar nossa prática a partir de seminários de orientação semanal com leituras e discussões de pesquisas e trabalhos nas áreas de Psicologia do Envelhecimento, Gerontologia e Psicologia e Assistência Social.

A cada encontro com o grupo de idosos são discutidos temas geradores da conversa, os quais são elaborados nas supervisões semanais com o grupo de estagiárias e a docente, considerando a dinâmica grupal e as demandas dos idosos.

Para introduzir o tema do encontro semanal, normalmente selecionamos um vídeo, poema ou uma música. Essas ferramentas servem como disparadores de reflexões, tanto para os idosos quanto para os estagiários, acerca de suas vivências pessoais em conexão com o tema abordado, que colaboram de forma mútua, promovendo novas construções e perpetuação de saberes pautados nas experiências particulares, além de que se reconheçam como sujeitos de direitos e com predisposição para novos aprendizados e novas experiências.

Resultados e Discussão

Durante os dois anos de existência do projeto, muitos temas movimentaram a roda de conversa como violência contra a mulher e contra os idosos, memórias, direitos da pessoa idosa, lendas e outras narrativas pertencentes a tradições culturais, jardinagem e plantas medicinais, ícones femininos, festas populares, memórias e histórias de vida, sonhos, desejos, além de tecnologia, trocas entre gerações, relações familiares, sentidos para o processo de envelhecimento e outros.

Ao longo de nosso contato com o grupo, notamos, nos relatos dos participantes, que muitos sentiram algumas mudanças do lugar do idoso como detentor do saber, o sábio, o porta-voz de conhecimentos e aprendizados singulares, características presentes em outros tempos. Foi possível perceber que o lugar especial destinado ao saber e ao conhecimento estaria na juventude hoje letrada, freqüentadora da universidade e adepta às novas tecnologias. Até mesmo para se referirem a nós, coordenadoras do grupo, eles nos chamavam de "professoras", o que teve de ser discutido em grupo, a fim de reafirmarmos nosso lugar de colaboradoras do processo grupal, nosso papel de interlocução e de trocas e de estudantes de Psicologia.

Entendemos que essa situação possivelmente decorre por conta da escassez de espaços nos quais essas histórias de vida dos idosos possam ser escutadas e tidas como parte importante da construção da memória do grupo social em que estão inseridos. Além disso, também a mistificação da educação formal como variável indispensável a um suposto saber/conhecer sobre as coisas, o mundo e o outro, acabam por desqualificar o saber popular. A supervalorização dos conhecimentos provindos do ensino institucionalizado é reverberada de maneira acentuada nas rodas de conversa, dessa maneira fica expresso nos discursos dos participantes um movimento de desmerecimento de narrar as próprias histórias.

Aos poucos, tentamos permear novos encontros de maneira a romper com tal questão e possibilitar a ampliação de um espaço aberto ao compartilhamento dessas enunciações, o que pretende ser o principal objetivo das rodas de conversa, levando em conta o empoderamento e protagonismo dos idosos do CRAS.

Tal fato também nos atentou a salientar os aspectos referenciais e particulares do grupo nas dinâmicas. Em suas narrativas, fomos conhecendo os participantes do grupo e entrando em contato com suas histórias de vida, as quais contavam memórias de vidas nascidas em pequenos sítios e fazendas. Todos trabalharam desde muito jovens em atividades no campo, com poucas oportunidades de freqüentar escolas, por isso o nível de escolarização não ultrapassa o ensino fundamental completo. No linguajar popular, se consideram pessoas "muito simples" e fundamentam as caracterizações de suas narrativas como ínfimas e de pouca relevância para serem compartilhadas e estimadas com algum valor. Nesse sentido, falar e trabalhar com o protagonismo desses idosos é, sem dúvida, um tanto desafiador, especialmente em uma sociedade na qual o que é valorado positivamente são as narrativas individuais que contemplam sucesso financeiro, fama e visibilidade. Estarmos à disposição para a escuta no contexto grupal e trabalharmos a partir dos referenciais de vida dos idosos possibilitaram participações que valorizaram suas narrativas e contribuições. Em outras palavras, procuramos criar espaços em que as relações e trocas se dinamizem e se otimizem.

Atualmente, o grupo segue uma dinâmica de muito diálogo e uma participação expressiva nas narrativas e trocas de experiências. Ao escutarmos suas histórias, surpreende-nos a força e a resistência das idosas perante as dificuldades que já galgaram em suas vivências, muitas vezes marcadas pelo machismo e pela submissão da figura feminina à figura paterna, aos irmãos e maridos. As discussões que tomam o passado como referência sempre se articulam com o

presente, no sentido de ressignificar as experiências anteriores e também de confrontar com os valores contemporâneos. Tal particularidade denota o enriquecimento e sabedoria que tecem em seus discursos e arranjos diante das adversidades que compõe a vida. Para nós, é uma rara oportunidade de nos enriquecermos com suas histórias, uma vez que, tal como disse Ecléa Bosi,

"A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada a nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento de paisagens caras, pela desaparição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual" (BOSI, p. 41, 1987).

Ademais observamos alguns conflitos com questões relacionadas a contemporaneidade. A velocidade das mudanças entre as gerações têm um impacto significativo na população idosa usuária do CRAS, gerando muitas vezes um sentimento de inadequação, uma dificuldade em acompanhar a mudança de valores e a evolução tecnológica. Este aspecto é ressaltado até mesmo na relação intergeracional entre os idosos e os estagiários. Por outro lado, há um reconhecimento de alguns pontos interessantes da atualidade como o desenvolvimento da medicina e de medicamentos, a possibilidade de exercício de liberdade de expressão, assim como uma vontade de estar em movimento, de expressar a subjetividade e poder experimentar outras vivências na velhice que anteriormente não eram tão presentes na vida dos mais velhos, como viajar, namorar, dançar, especialmente no caso das mulheres.

Outro ponto importante a ser problematizado é a participação quase exclusivamente feminina nas rodas de conversa. Segundo as idosas do grupo, esse fato ocorre por conta de os homens considerarem a conversa e a troca de ideias como atividade feminina. Elas atribuíram a maior expectativa de vida das mulheres ao fato de participarem de mais atividades em grupo, assim, tendo a oportunidade de exercitar a mente e apreender novas estratégias e novos conhecimentos para um envelhecimento pleno.

No que dizem respeito às intercorrências com o serviço social prestado pelo CRAS, no decorrer do projeto passamos por algumas dificuldades relacionadas principalmente às questões práticas e estruturais que viabilizassem o funcionamento das atividades, intercorrências essas que, nos atentaram para a importância da aproximação e integração com o serviço e com a equipe que nele atua, de modo a permitir mudanças qualitativas em nossas práticas juntamente aos idosos participantes.

Conclusões

É interessante observar como o choque com as mudanças culturais valorativas sempre estão presentes de alguma forma nas conversas e emergem com uma variedade de sentimentos frente às situações vividas. A partir disso, é importante problematizar a respeito da maneira que lidamos com as novas configurações e disposições das relações humanas, produzindo juntos movimentos de compreensão e reflexão face aos novos arranjos que a convivência com o outro nos oferece. Juntamente a essas questões é notável a disposição respeitosa e participativa dos idosos com relação aos assuntos discutidos, à nossa presença e principalmente entre eles, tal gesto é cativante, gratificante e fortalecedor para o vínculo que está sendo construído em nossos encontros, pois demonstra em outras linguagens a autonomia e vontade de expressão e compartilhamento que os movimentam.

Verificamos que as rodas de conversa são uma oportunidade para a expressão e valorização da subjetividade de cada um, para reflexão em grupo de forma a resgatar a capacidade de pensar criticamente o contexto em que se vive, sendo também um espaço para construção de vínculos. Nossa inserção em um equipamento da assistência social nos fez refletir sobre o papel do psicólogo dentro destes espaços e, assim, concluímos que nossas ações e atividades podem promover práticas que nos convidam a repensar papel tradicional do psicólogo, para além da premissa de enquadramento do sujeito, com o objetivo de possibilitar práticas que visem a autonomia e a emergência de protagonismos. A universidade também exerce papel fundamental diante das questões sociais, pois toda a problemática acerca de diversos temas, a exemplo dos idosos, tendem a ser amenizadas por meio dos caminhos da ciência, que ainda tem muito a ser ampliado.

Agradecimentos

Agradecemos ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do munícipio de Cândido Mota pela abertura desse espaço de potentes parcerias, à supervisora do estágio curricular, Mariele Rodrigues Correa, por suas contribuições e preocupação com a formação em Psicologia que atravessa o tema do envelhecimento e nossos mais sinceros agradecimentos aos idosos participantes da Roda de Conversa que nos permitem tornar esse projeto viável e compartilham conosco suas vivências.

ANDRADE, L. F. (2009). **O psicólogo no Centro de Referência da Assistência (CRAS) de Fortuna de Minas** – MG: na trilha cartográfica dos territórios subjetivos. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BOSI, E. **Memória e Sociedade***:* lembrança de velhos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRASIL. (2004). **Política Nacional de Assistência Social** – PNAS. Brasília.

BRASIL. **Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Pessoas Idosas**: orientações técnicas. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2012.

CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS (CREPOP). **Referência técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia (CFP), 2007.

CORTEZ PEREIRA, T. T. S. **O Pichon-Rivière, a Dialética e os Grupos Operativos. SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais** do Estado de São Paulo Revista da SPAGESP, 14(1), 21-29. 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**: características gerais dos indígenas. Rio de Janeiro: IBGE; 2012.

GIATTI L. L. et al. Condições sanitárias e socioambientais em Iauaretê, área indígena em São Gabriel da Cachoeira, AM**. Ciência & Saúde Coletiva**, v.12, n. 6,p.1711-1723, 2007.

PICHON-RIVIÈRE, E. (1983). **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes.

TÓTORA, S. **Apontamentos para uma ética do envelhecimento.** Kairós, São Paulo, 11(1), jun, 2008, pp. 21-38.